

coleção:
TEMAS ESPECIAIS- RUDOLF STEINER

TREZE NOITES SANTAS

O NASCIMENTO DO ESPÍRITO DO SOL COMO ESPÍRITO DA TERRA

Hannover, 26 de dezembro de 1911 – GA 127

Título do Original:

Die Mission der neuen Geistes-Offenbarung
GA 127 de Rudolf Steiner Verlag,
ISBN 3-7274-2120
Dornach, Suíça

Título da Palestra:

O nascimento do espírito do Sol como espírito da Terra

Direitos desta tradução reservados à

João de Barro Editora Ltda
Rua da Fraternidade, 156
04638 – 020 São Paulo – SP
Tel/Fax: (011) 5687-4254
editorajoodebarro@gmail.com

1ª Edição

outubro de 2013

Tradução e Revisão

MARIANGELA MOTTA

Projeto Gráfico:

GISELA MOTTA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Steiner; Rudolf, 1861-1925.

Treze noites santas / Rudolf Steiner --

São Paulo : Ed. do Autor, 2013. -- (Coleção
temas especiais : Rudolf Steiner)

Título original : Die Geburt des Sonnengeistes als Erdengeist.

I. Antroposofia I. Título. II. Série.

13-12729

CDD-299.935

Índices para catálogo sistemático:

I. Antroposofia : 299.935

coleção:
TEMAS ESPECIAIS- RUDOLF STEINER

TREZE NOITES SANTAS

O NASCIMENTO DO ESPÍRITO DO SOL COMO ESPÍRITO DA TERRA
Hannover, 26 de dezembro de 1911 – GA 127

Tradução:
Mariangela Motta



TREZE NOITES SANTAS

O NASCIMENTO DO ESPÍRITO DO SOL COMO ESPÍRITO DA TERRA

Hannover, 26 de dezembro de 1911 – GA 127

RUDOLF STEINER

TREZE NOITES SANTAS

Hannover, 26 de dezembro de 1911 – GA 127

O NASCIMENTO DO ESPÍRITO DO SOL COMO ESPÍRITO DA TERRA

Nesta época, quando acendemos as velas da árvore de Natal, a alma humana sente como se o símbolo de uma realidade eterna surgisse diante de seu olhar espiritual e estivesse ali, imutável, desde um passado muito distante. No outono, quando a natureza exterior fenece pouco a pouco, quando as ações do Sol na luz exterior caem em um estado como que de sonolência e os órgãos de percepção exterior do ser humano devem retirar-se dos fenômenos do mundo sensível, a alma tem a possibilidade, ou melhor,

não apenas a possibilidade, mas sente a exigência de penetrar em suas camadas mais profundas, de forma a sentir e experimentar que, quando a luz exterior do Sol diminui e o calor se atenua, chega o tempo em que a alma deve recolher-se na obscuridade exterior; em compensação, ela pode encontrar a luz espiritual na própria interioridade. As luzes da árvore de Natal estão agora diante de nós como um símbolo da luz espiritual acesa na obscuridade exterior. E, pelo fato de que a luz espiritual da alma, que sentimos iluminar as trevas da natureza nos aparece como uma realidade eterna, imaginamos que, justamente, o pinheiro aceso na noite de Natal deva ter sempre irradiado para nós em todos os tempos que podemos voltar a percorrer, de encarnação em encarnação, até o passado distante.

No entanto, a árvore de Natal é relativamente recente. Faz apenas um, ou no máximo, dois séculos que ela tornou-se um símbolo dos pensamentos e sensações que apresentam-se ao ser humano na época do Natal. A árvore de Natal é um símbolo recente; mas, repetidamente, ela revela ao ser humano a cada ano uma grande verdade eterna. É por isso que ela parece ter estado presente também no passado remoto. É como se, da própria árvore de Natal, ressoasse o anúncio do divino nos espaços cósmicos, nas alturas celestiais. O ser humano pode agora sentir brotar as forças de paz da própria boa vontade tranquilizando a alma. Como a lenda do Natal nos conta, o

anúncio ressoou quando os pastores visitaram o local de nascimento do menino cuja festividade hoje celebramos. Ressoou para os pastores desde as nuvens: “As potências divinas manifestam-se a partir do espaço cósmico, das alturas celestes e trazem a paz tranquilizadora para a alma humana que esteja preenchida de boa vontade.”

Por séculos e séculos, as pessoas não puderam acreditar que tivesse sido dado ao mundo, na celebração do Natal, um símbolo que jamais teve um início. Sentia-se nele o sinal da eternidade. Por esse motivo, o rito cristão assumiu a marca da eternidade naquilo que coloca-se simbolicamente na noite de Natal com as palavras: “Cristo renasceu para nós.” É como se, a cada ano, a alma fosse chamada a sentir de novo uma realidade a respeito da qual se pensava ser possível realizar-se apenas uma vez. A eternidade deste acontecimento simbólico apresenta-se à nossa alma com força original quando sentimos o próprio símbolo de maneira correta. O nascimento de Jesus não foi celebrado em Roma até o ano 353, trezentos e cinquenta e três anos depois que Jesus Cristo viveu na Terra. A festividade do nascimento de Jesus como a celebramos agora foi festejada pela primeira vez em Roma no ano de 354. Antes disso, esta festa não era celebrada em 24 e 25 de dezembro: para aqueles que compreendiam a profunda sabedoria relacionada ao Mistério do Gólgota, o dia da

comemoração solene da Epifania¹ de Cristo era 6 de janeiro. Ela era celebrada como uma espécie de festa do nascimento de Cristo durante os três primeiros séculos de nosso tempo. Era a festa que deveria lembrar às almas humanas a descida do Espírito-Cristo no corpo de Jesus de Nazaré durante o batismo de João no Jordão. Até o ano 353, o acontecimento que as pessoas pensavam ter acontecido no momento do batismo era comemorado como a festa do nascimento de Cristo em 6 de janeiro. Durante os primeiros séculos do cristianismo ainda sobrevivia um indício do Mistério que, entre todos os outros, é o mais difícil para a humanidade compreender: a descida da entidade Cristo no corpo de Jesus de Nazaré.

Qual era o sentimento das pessoas que então se aproximaram dos segredos do cristianismo durante os primeiros séculos cristãos? Eles sentiam que o Espírito-Cristo entretece e compenetra o mundo que nos é revelado através dos sentidos e do espírito do ser humano. O Espírito-Cristo revelou-se a Moisés no passado remoto. O segredo do eu humano ressoou para Moisés tal como ressoa para nós ao ouvirmos na alma, a partir das letras simbólicas da árvore de Natal, os sons I-A-O, ou seja, o Alfa e o Ômega precedidos pelo I. É isto o que ressoava em torno da alma de Moisés quando o Espírito-Cristo

1. Epifania, entrada, aparição.

apareceu para ele na sarça ardente.² E o mesmo Espírito-Cristo guiou Moisés ao local onde este o havia reconhecido em sua entidade mais verdadeira. Isto é descrito no Antigo Testamento quando se diz que Jahvé conduziu Moisés ao Monte Nebo, diante de Jericó, e mostrou-lhe tudo quanto ainda deveria acontecer, antes que esse mesmo Espírito pudesse encarnar-se em um corpo humano. O Espírito disse a Moisés sobre o Monte Nebo: *“Mas tu, a quem eu me revelei prematuramente, não podes te transportar com o que trazes na alma para a evolução de teu povo que, antes de tudo, deve preparar o que irá acontecer quando os tempos estejam cumpridos.”*

E, quando a evolução preparou a humanidade séculos após séculos, o mesmo Espírito que reteve Moisés revelou-se, tornando-se carne e assumindo um corpo humano em Jesus de Nazaré. Assim, a humanidade em seu conjunto foi guiada do estado de iniciação assinalado com a palavra “Jericó” para aquele assinalado pela palavra “Jordão”. As pessoas que compreenderam o verdadeiro significado do cristianismo nos primeiros séculos cristãos entenderam que o espírito solar da Terra, Cristo, imergiu em Jesus de Nazaré que foi batizado no Jordão. Era isso o que era celebrado como um Mistério nos primeiros séculos do cristianismo, o nascimento de Cristo. De fato, através da

2. Exodo 3, 1-12.

Antroposofia, através da sabedoria da quinta época da cultura pós-atlântica, torna-se novamente maduro aquilo que resplandeceu como o último resíduo da clarividência antiga na época em que se cumpriu o evento do Gólgota; resplandeceu junto aos gnósticos, iluminou os teósofos que viveram na virada dos tempos entre a velha e a nova era e cuja concepção do Mistério de Cristo diferia da nossa na forma, mas não no conteúdo.

Apesar de não ser amplamente compreendido, foi possível transparecer no mundo o que os gnósticos ensinavam: que havia acontecido um fato simbolicamente indicado como o batismo no Jordão; sentia-se, pressentia-se que lá o Espírito-Sol nasceu como Espírito da Terra, que uma Potência cósmica iluminava-se em um ser terrestre. Assim, nos primeiros séculos do cristianismo, o nascimento de Cristo no corpo de Jesus de Nazaré – a Epifania de Cristo – era celebrada no dia 6 de janeiro.

Mas a capacidade de penetração neste Mistério profundo, mesmo que apenas pressentido, foi enfraquecendo cada vez mais com o passar do tempo. Chegou o tempo em que as pessoas não foram mais capazes de compreender que o ser chamado Cristo esteve de fato presente em um corpo físico humano por apenas três anos. Mais e mais se deverá entender que, o que certa vez se cumpriu para a toda a evolução da Terra durante aqueles três anos em um corpo físico humano, é um dos Mistérios mais profundos e

diffíceis de serem compreendidos. A partir do quarto século em diante, com a aproximação da época do materialismo, a alma humana que estava sendo preparada era muito fraca para abarcar o profundo Mistério que apenas a partir de nossa época será compreendido cada vez mais amplamente. E assim, à medida que a força exterior da cristandade aumentava, perdia-se a compreensão interior do Mistério de Cristo e a festa de 6 de janeiro deixou de ter conteúdo. O nascimento de Cristo foi antecipado em treze dias, coincidindo com o nascimento de Jesus de Nazaré. Mas, com isso, nos encontramos diante de algo que deve preencher-nos de profundo contentamento, de profunda satisfação. A data de 24-25 de dezembro foi estabelecida como o dia do nascimento de Cristo porque, como vimos, uma grande verdade se perdeu. E, embora o erro pareça determinado pela perda de uma grande verdade, ele aconteceu de forma tão profundamente sábia que não podemos senão ficar maravilhados com a sabedoria inconsciente a partir da qual o dia de Natal foi estabelecido, embora as pessoas que o fizeram não suspeitassem de nada.

A sabedoria divina atuou também no estabelecimento desta data. E, uma vez que a sabedoria divina pode ser percebida exteriormente na natureza se soubermos como interpretar de maneira correta o que revela-se em toda parte, poderemos perceber a sabedoria divina que atua

no inconsciente da alma humana se prestarmos atenção ao seguinte. O dia 24 de dezembro no calendário é o dia dedicado à Adão e Eva, o dia seguinte é a festa do nascimento de Cristo. Portanto, a perda de uma verdade antiga foi a causa por meio da qual a data do nascimento de Cristo sobre a Terra foi antecipada e estabelecida treze dias antes, assim como foi identificada ao nascimento de Jesus de Nazaré; mas, de maneira maravilhosa, o nascimento de Jesus de Nazaré foi ligado ao conceito da origem do ser humano na evolução terrestre, de sua origem em Adão e Eva. E quando pesquisamos todas as percepções obscuras e sentimentos de admiração ligados à festa do nascimento de Jesus que vivem na alma humana, – sem que a consciência superior do ser humano saiba nada a respeito – quando pesquisamos todos aqueles sentimentos que se movem no interior da alma humana, vemos que eles falam uma linguagem maravilhosa.

Quando se perdeu a compreensão sobre o que, de fato, fluía para a humanidade desde as distâncias cósmicas e que, justamente, deveria ser celebrado no dia 6 de janeiro, buscou-se apresentar à humanidade (graças à forças que atuam nas profundezas da alma humana) como o espírito da alma humana manifesta-se quando esta ainda não passou totalmente para a corporeidade física e se encontra no ponto de partida do próprio ser humano, no momento em que toma posse originariamente deste

corpo físico. Ao nascimento, quando a alma ainda não foi contaminada pelos efeitos do contato com o corpo físico, no início do processo de vir a ser físico terrestre, encontramos o menino, mas não apenas aquele que está presente em cada ser humano, e sim a criança tal como era antes que as pessoas chegassem à primeira encarnação física na evolução terrestre.

Este é o ser conhecido na Cabala como *Adam Kadmon*, o homem que desceu das alturas divino-espirituais com tudo o que ele havia conquistado durante os períodos de Saturno, Sol e Lua. O ser humano em seu ser espiritual, no primeiro início da evolução terrestre, nascido no menino Jesus: eis o que de agora em diante é apresentado ao ser humano na festa do nascimento de Jesus a partir da maravilhosa sabedoria divina. Quando tornou-se impossível compreender o que desceu sobre a Terra desde as amplidões cósmicas, das esferas celestes, foi impresso nas almas humanas a recordação de sua origem, de seu estado anterior ao evento da forças luciféricas na existência terrestre.

Quando não mais se compreendia aquilo que em seu significado mais elevado e verdadeiro deveria se dizer do batismo de João no Jordão (*“Das amplidões cósmicas e das alturas do céu, desceu a Divindade nas almas humanas, que se revela para que a paz reine junto aos homens de boa vontade.”*), quando perdeu-se a compreensão de como tal

imagem simbólica deveria ser apresentada às pessoas na forma de uma festa sagrada, outra certeza foi colocada em seu lugar: no início da evolução terrestre, antes que as forças luciféricas interferissem com sua atuação, o ser humano sobre a Terra teve também uma natureza, uma enteléquia, na qual podia confiar.

O menino que os pastores adoraram é Jesus do Evangelho de Lucas, e não Jesus descrito no Evangelho de Mateus. Suas almas ouviram: *“Agora o divino revela-se desde as distâncias cósmicas e do alto dos céus e traz a paz às almas dos homens de boa vontade.”* E assim, durante os séculos cristãos em que as sublimes realidades não podiam ser compreendidas, foi instituída a festividade que, a cada ano, volta a lembrar ao ser humano: *“Ainda que não possas dirigir teu olhar às alturas celestes e lá reconhecer o grande Espírito Solar, tu o trazes em ti, em tua alma de menino, desde o tempo de teu início terrestre, para que as forças que podem dar-te a firme certeza de que tu podes alcançar a vitória sobre a natureza inferior – da qual recebeste a marca em seguida à tentação de Lúcifer – permaneçam intocadas pelos efeitos da encarnação física.”* Portanto, a festa da natividade de Jesus foi associada à recordação de Adão e Eva, indicando assim que, no local visitado pelos pastores, nasceu uma alma humana tal como esta foi uma vez, antes que o ser humano tivesse percorrido a primeira encarnação terrestre.